

DISPOSITIVOS DE PODER E TECNOLOGIAS DISCIPLINARES NO ROMANCE *EM NOME DO DESEJO*, DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN¹

Maria de Fátima Lopes Vieira Falcão (UFT)²
Flávio Pereira Camargo (UFG)³

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os dispositivos de poder e as tecnologias disciplinares no romance *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan. Nossas análises procuram evidenciar a hipótese repressiva da sexualidade e o disciplinamento dos corpos e dos desejos de jovens garotos no espaço do Seminário, de modo a garantir a manutenção de uma masculinidade hegemônica, alijando aqueles sujeitos que não se enquadram nos padrões heteronormativos.

Palavras-chave: disciplina; regimento; confissão; masculinidades.

Breves considerações sobre os dispositivos de poder e as tecnologias disciplinares

Michel Foucault (1987: 143) argumenta que, por volta do século XVII, Walhausen relacionava a correta disciplina ao bom adestramento. Foucault continua sua análise dizendo que “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de

¹ Este trabalho deriva da dissertação de Mestrado intitulada “Homoerotismo e homosociabilidade no romance *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan”, vinculada ao grupo de pesquisa “Estudos sobre a narrativa brasileira contemporânea” (CNPq).

² Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, com bolsa da CAPES. E-mail: fatimafalcao@hotmail.com.

³ Pós-doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Letras pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Atualmente, é professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Goiás, com atuação na Graduação e na Pós-Graduação em Letras e Linguística. E-mail: camargolitera@gmail.com.

se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”, ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”. O homem é passível de ser adestrado, principalmente a partir do corpo.

Um indivíduo que foge dos padrões hegemônicos da heterossexualidade, por exemplo, com certeza tem dificuldade de ser aceito na sociedade. O ideal é um corpo adestrado, moldado, de preferência que seja dominado pelos outros, no intuito de “fabricar corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (Foucault 1987: 119, grifo do autor), ou seja, corpos dóceis são assujeitados às normas, aos horários, à relação de sujeição, às restrições do espaço, à disciplina.

Essa fabricação dos corpos por meio da disciplina, que não deixa de ser uma técnica de poder, faz dos indivíduos objetos e dispositivos de poder. Foucault (1987: 119) ainda destaca que o poder disciplinar faz uso de métodos simples, tais como “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”. As punições e as vigilâncias levam ao adestramento dos corpos para a disciplina, fato muito comum em muitas instituições como seminários, por exemplo, onde há uma política de coerções no intuito de moldar o indivíduo de forma que se torne um de uma série de modelos bem acabados, todos iguais.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação (Foucault 1987: 118).

O olhar é um exercício de disciplina. A partir dele podem-se criar técnicas para que alguns possam ver a tudo e todos que interessam, no entanto, esses observadores não podem ser vistos por aqueles que são observados, pois o mais importante é saber-se vigiado (Foucault 1987: 167). A disciplina é um tipo de poder, e está sempre a disposição de instituições “especializadas”. Dentro dessas corporações faz-se uso da disciplina para determinados fins, com o escopo de “reforçar ou de reorganizar seus mecanismos internos de poder” (Foucault 1987: 177). Assim como o poder, a disciplina está em todos os lugares, ela se dá em diferentes estabelecimentos e espaços para treinar os corpos.

A partir da planta de um Seminário, como o da obra *Em nome do desejo*⁴, por exemplo, pode-se perceber um traçado que possibilita uma visão geral, de forma que permita “um controle interior, articulado e detalhado – para tornar visíveis os que nela se encontram”, além disso, facilitaria agir sobre os internos, ter domínio sobre o comportamento dos mesmos, aplicar sobre eles “os efeitos de poder”, e “modificá-los” (Foucault 1987: 144), pois um Seminário não é apenas uma construção para religiosos, pois é, na sua complexa substancialidade, um lugar de disciplina dos corpos, sanções e confissões. Na verdade, o Seminário é um lugar também para

⁴ A primeira edição desta obra foi publicada no ano de 1983, pela Editora Codecri. Para esta pesquisa, utilizamos a edição de 2001, da Editora Record.

“adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde”, futuros seminaristas “competentes, imperativo de qualificação”, além de “obedientes, imperativo político”, e impedir a “devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade”, de acordo com Foucault (1987: 145).

Na obra *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan (2001), a supervisão dos internos é feita por superiores, que, além de imporem a ordem, também exercem o que Foucault (1987: 147) chama de “papel pedagógico”, pois há o Diretor Espiritual, que guia os internos quanto aos conhecimentos espirituais; o Reitor, que controla e prima pelo comportamento de todos; o Prefeito de Disciplina que é a pessoa que faz valer as regras, além de determinar os castigos, sendo, por este motivo, temido e substituído a cada seis meses; e os anjos, que são os encarregados de ensinar aos novatos as normas da casa.

Foucault (1987: 148) afirma que “uma relação de fiscalização, definida e regulada, está inserida na essência da prática do ensino que lhe é inerente e multiplica sua eficiência”, de modo que “a construção de um “micropoder”, começando pelo corpo como um objeto a ser manipulado, é a chave do poder disciplinar” (Dreyfuss; Rabinow 2010: 202).

Um espaço delimitado para a “organização dos indivíduos” é primordial para a disciplina. Em um Seminário, por exemplo, pode-se observar “a confiança em uma grade ordenada”. Uma vez que o ambiente foi instituído, “essa grade permite a distribuição segura dos indivíduos a serem disciplinados e supervisionados; esse procedimento facilita a redução de multidões perigosas ou de vagabundos, que vagam por toda parte, a indivíduos dóceis e fixados”, conforme Dreyfuss e Rabinow (2010: 203). É o que Foucault (1987: 123, grifo do autor) chama de *quadriculamento*, ou “cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo”.

Foucault (1987: 149) afirma que no seio de todo sistema disciplinar existe um recurso penal, que leva em consideração certos comportamentos que são julgados como não aceitáveis e os reprime, principalmente aqueles que escapam “aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença”. Em um ambiente como o Seminário, na obra de Trevisan (2001), o corpo, por exemplo, é passível de ser averiguado ostensivamente, no que diz respeito à sujeira e aos gestos, à “indecência” no comportamento sexual, como a masturbação ou os modos muito afeminados de ser de alguns garotos. Enfim, para qualquer falta de desvelo por parte dos internos, sanções normalizadoras lhes são imputadas, podendo levar, muitas vezes, ao que Foucault (1987: 149) chama de punições que “vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações”.

Na obra *Em nome do desejo*, alguns alunos eram chamados por nome de pássaros. Eles formavam o que era conhecido no Seminário como o grupo da Passarada. Os superiores tinham conhecimento deste comportamento agressivo por parte de alguns internos, no entanto, permitiam que as vítimas fossem vistas como alguém que cometeu um delito. Portanto, é uma humilhação estabelecida e aceitável, simplesmente porque a homossexualidade é vista como um desvio da norma, inadequada à regra. Foucault (1987: 149) argumenta que a disciplina tem “uma maneira específica de punir”, como em um tribunal, “o que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios”.

“O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve, portanto, ser essencialmente *corretivo*”, conforme Foucault (1987: 150, grifo do autor). O castigo não modifica a subjetividade, todavia traz rancor, tristeza e amargura, pois marca a subjetividade. O castigo é, portanto, coercitivo. A punição serve para mostrar quem são os diferentes, em uma comparação dentro de um grupo de indivíduos, e serve ainda para estabelecer “a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal” (Foucault 1987: 153). A penalidade tenta a normalização dos corpos não submissos, uma vez que existe a tentativa de homogeneizá-los por meio da coerção. Para se adequar a um padrão de beleza, pessoas gordas, por exemplo, submetem-se a exaustivos exercícios físicos, treinamento em academias, adestramento por treinamento, o que não deixa de ser um mecanismo de poder sobre os corpos. O corpo de um indivíduo gordo é visto muitas vezes como anormal, pois estaria excluído dos padrões que chamam a atenção, ou seja, dos corpos definidos, desejáveis, magros e considerados como saudáveis.

Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas as outras. Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais (Foucault 1987: 154).

Há uma imposição das normas a ser seguidas. O que nos leva a questionar: e os diferentes onde ficam? O devir masculino ou feminino é a busca constante por parte do sujeito pela masculinidade ou feminilidade, o homem tenta se aproximar de um ideal do que vem a ser o homem, bem como a mulher. Tudo está baseado no pensamento de que só existem dois sexos, e que cada um tem que se comportar de uma determinada forma já esperada, o que não deixa de ser uma tentativa de homogeneizar e reduzir os gêneros apenas ao masculino e ao feminino.

Thamy Pogrebinschi (2004: 195-196) explica que a disciplina e o biopoder trabalham distintamente; enquanto o primeiro incide na individualização do indivíduo, o segundo incorre na população. O biopoder, ainda segundo a autora, tem seus efeitos na massificação, no conjunto, que fazem parte da população, tais como: “natalidade, longevidade e mortalidade”, usando estes dados para averiguar “taxas de fecundidade de uma população”, por exemplo. Desta forma, a busca pela homogeneidade acarreta a exclusão dos diferentes.

Para Dreyfuss e Rabinow (2010: 208), o exame é uma combinação de vigilância hierárquica e sanção normalizadora. O poder e o saber enquanto técnicas são reunidas no exame. Este, segundo Foucault (1987: 154), “manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível”. No Seminário, o Reitor faz vistorias frequentes nos meninos, a fim de examinar seus peitorais. Aqueles que apresentavam peitos muito inchados, que é sinal de muita

masturbação, eram chamados à atenção: “Masturbação demais, rapaz. Vê se toma jeito. Peito inchado em homem é feio” (Trevisan 2001: 100).

Foucault (1987: 155) afirma que a técnica do exame possibilita ao mestre transmitir seu saber e, ao mesmo tempo, obter um conhecimento maior sobre os seus alunos.

Dreyfuss e Rabinow (2010: 208-209) argumentam que o exame, como foi colocado anteriormente por Foucault, a princípio foi relativamente benigno. Por exemplo, no século XVII, o médico fazia atendimentos no hospital, mas não se envolvia na parte administrativa; no entanto, com o tempo, tanto as visitas foram ficando mais assíduas quanto foi acontecendo uma maior aproximação do médico com a parte administrativa da instituição. A partir desse crescimento em atendimentos e envolvimento no funcionamento do hospital, o médico passa a ter assistentes e o hospital começa a mudar na sua configuração. Desta forma, os autores explicam que “o hospital bem disciplinado tornou-se a contrapartida física da disciplina médica. Essas mudanças não foram nem benignas, nem insignificantes, nem inconsequentes” (Dreyfuss; Rabinow 2010: 208-209).

Da mesma forma que o hospital, a escola também é um aparelho de exame, de acordo com Foucault (1987: 155). O Seminário, na obra *Em nome do desejo*, além de uma instituição de formação religiosa, também é uma escola. É lá que os internos que tirassem notas abaixo de 8 (oito) já começavam a ser punidos, chegando ao ponto de, dependendo da nota, passarem “semanas proibidos de conversar” (Trevisan 2001: 43). O mesmo acontecia quando se fazia vistoria de noite nos quartos e alguém fosse pego conversando. Foucault (1987: 155-156, grifo do autor) diz que a escola é onde se elabora a pedagogia. E assim como o hospital foi o espaço no qual se deu a liberação do conhecimento da medicina, a “escola “examinatória” marcou o início de uma pedagogia que funciona como ciência”. Assim, Foucault afirma que certo tipo de formação de saber está relacionado a certo tipo de exercício de poder.

O poder disciplinar é exercido de forma invisível, porém todos que a ele é submetido têm visibilidade obrigatória. Neste poder são os sujeitos, ou súditos, como Foucault (1987: 156) chama, que têm visibilidade. Em oposição a este poder, Dreyfuss e Rabinow (2010: 209) exemplificam com o feudalismo, quando aquele que exercia o poder era muito prestigiado e colocado nas alturas, tinha grande visibilidade, todos os holofotes estavam voltados para ele. O gay que assume sua homossexualidade, por exemplo, tem visibilidade imposta, já o gay que fica no armário receia essa visibilidade. O sujeito é colocado em evidência, sob a vigilância de um poder que tem por fim homogeneizar a todos.

O exame individual produz informações com observações detalhadas e individualizadas. Uma criança, um doente, um criminoso “são conhecidos de modo infinitamente mais detalhado do que o adulto, um indivíduo saudável e o cidadão que respeita a lei” (Dreyfuss; Rabinow 2010: 210). De acordo com estes autores, o poder traz a individualidade tanto para o campo da observação quanto da escrita. Foucault (1987: 158) expõe que graças ao aparelho da escrita o indivíduo pode ser visto como um objeto descritível e analisável, para o “controle de um saber permanente”; além de permitir “a medida de fenômenos globais, a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, a estimativa dos desvios dos indivíduos entre si, sua distribuição numa população”.

Dreyfuss e Rabinow (2010: 210-211) percebem o indivíduo moderno como o efeito da combinação de poder e saber, de modo que a expansão das áreas de pesquisa aconteceu simultaneamente às técnicas disciplinares, na intenção de vigiar e controlar o corpo, “de modo a torná-lo mais apto à manipulação e ao controle”. Os autores argumentam ainda que o que conhecemos como disciplinas escolares não deixam de estar ligadas às tecnologias disciplinares e que os discursos das ciências desenvolveram suas próprias regras de evidência, recrutamento e exclusão, formas disciplinares de compartimentar; tudo isto dentro do que os autores chamam de um “contexto mais abrangente das tecnologias disciplinares” para a produção de corpos dóceis por meio de diferentes tecnologias disciplinares como, por exemplo, a disciplina, a vigilância, os regimentos e a confissão.

A tecnologia disciplinar: a disciplina e o regimento

Era proibido conversar em qualquer dependência da casa, fora dos horários de recreio; o silêncio obrigatório só terminava depois que se chegava ao pátio externo e se respondia “Deo gratias” ao “Deo gratias” do Prefeito de Disciplina. Era proibido conversar em qualquer lugar, após o recreio das 7 da noite. Era proibido entrar no dormitório, refeitório ou salões de estudo, fora dos horários previstos. Era proibido conversar durante as refeições, exceto aos domingos e feriados – no almoço e no jantar havia, regularmente, leitura de livros de aventuras ou vidas de santos (Trevisan 2001: 38, grifos do autor).

Os Regulamentos eram a alma do Seminário. Tudo passava por eles. Cada infração a eles levava à punição. Como dito previamente, o conhecimento das regras era dado desde a entrada na instituição, pelos anjos, aos novatos. O termo aparece sempre iniciado em letra maiúscula, como se fosse um indivíduo, um ente. O narrador afirma que o Regulamento é um livrinho que todo novato recebia no primeiro dia de aula. A lista de proibições era extensa. Proibia os Maiores de conversarem com os Menores; proibia ocuparem espaços iguais; conversar na capela; “era proibidíssimo atravessar os portões do Seminário e entrar no ‘mundo’” (Trevisan 2001: 38, grifo do autor); ter amizades particulares e brincar-de-mão; tinha que fazer uso de paletó; obrigatório andar em fila. O esboço do Regimento no Seminário é muito próximo do que Foucault (1987: 148) explica sobre uma instituição escolar “em que estão integrados no interior de um dispositivo único três procedimentos: o ensino propriamente dito, a aquisição dos conhecimentos pelo próprio exercício da atividade pedagógica, enfim uma observação recíproca e hierarquizada”.

O poder disciplinar, para Foucault (1987: 148), é aquele que permite ser “absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta”, pois tudo fica às claras, além de controlar os que controlam; e, ao mesmo tempo, ele “é absolutamente “discreto”, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio”. Os Regulamentos tinham a pretensão de educar os jovens, uma vez que exerciam uma vigilância constante a partir de regras preestabelecidas. No entanto, em algumas ocasiões eles não asseguravam a hegemonia, pois nos momentos de penitência, na capela, os garotos infringiam essas regras.

Era ensinado aos meninos que ser um eleito era uma grande responsabilidade. Diante disto, era preciso que houvesse um cerceamento dos superiores em torno dos presentes recebidos pelos garotos, para que não houvesse tentações. Estes precisavam obedecer “aos Superiores, ao regulamento, aos horários” (Trevisan 2001: 34). Os seminaristas recebiam cartas dos parentes, mas não eram os primeiros a lê-las, elas eram lidas, inicialmente, por alguma autoridade antes de chegar às mãos dos garotos, com a devida censura; obras enviadas por parentes eram censuradas, por serem “perigosas ou demasiado mundanas” (Trevisan 2001: 34); mesmo na própria biblioteca do Seminário havia restrições de alguns livros considerados perniciosos, pois “o regulamento aludia expressamente à natureza e necessidade dessas proibições, para preservar a pureza de espírito dos futuros ministros do Senhor” (Trevisan 2001: 34).

A disciplina também estava completamente inserida nos horários e nos regimentos internos. Quando a sineta tocava era preciso logo formar a fila, pois “o Regulamento previa castigo a quem chegasse atrasado” (Trevisan 2001: 35). Quanto aos horários o Seminário funcionava da seguinte maneira:

[...] levantavam-se às 5 e meia, durante a semana (uma hora mais tarde, nos domingos). Às 6 horas, iam todos para a capela [...]. Às 7 e meia, desjejum no refeitório – café com leite, pão com manteiga. Às 8 horas, início das aulas, que duravam até às 11:55, com intervalo de dez minutos às 9:50 para um lanche rápido no recreio (pão e banana). Ao meio-dia, almoço, seguido de breve Visita ao Santíssimo, na capela. Às 12:30 começavam os trabalhos comunitários obrigatórios [...]. Às 13:30, primeiro horário de estudo, que era obrigatório. Às 14:30, recreio para lanche rápido (pão ou bolo, também chamado de bolota, em alusão à sua massa quase crua). Às 15 horas, um grupo ia alternadamente para o estudo obrigatório mais longo, enquanto o outro ia jogar futebol; às segundas, quartas e sextas, eram os Maiores que jogavam; às terças, quintas e sábados, os Menores; somente aos domingos havia futebol para os dois grupos, em horários diferentes; os que não gostavam de futebol podiam jogar um arremedo de tênis ou vôlei – este, predileto do grupo de mariquinhas e, portanto, tido como esporte menor. Às 17:30, jantava-se e se rezava o *Ângelus*, [...]. Às 18 horas, recreio obrigatório; [...]; aí acontecia o famoso “jogo do garrafão”, terror dos fracos e oprimidos. Às 19 horas, extenuados pelo jogo, os alunos rezavam o terço [...]. Às 19:30 subia-se novamente para um período de estudo obrigatório. Às 20:30, a comunidade dirigia-se à capela, onde se rezava

a oração da noite; [...]. Às 21 horas, as luzes se apagavam impreterivelmente e dormia-se. Para os Maiores, entretanto, havia um horário opcional de estudo até às 22 horas, já de pijama (Trevisan 2001: 35-36).

O horário tinha o objetivo de conduzir ao disciplinamento, e este, por sua vez, à fabricação de identidades. Não havia como questionar os horários, as palavras devem ser as mínimas possíveis, o silêncio imposto só pode ser substituído por algum olhar de um Superior. Foucault (1987: 127-128) explica que os horários são uma herança monástica, pois eles estabeleciam as censuras, obrigavam determinadas ocupações, regulamentavam os ciclos de repetição – “muito cedo foram encontrados nos colégios, nas oficinas, nos hospitais”. A disciplina monástica, de conventos, deu uma “postura religiosa”, como diz Foucault, na época industrial, por exemplo, pois no século XIX os populares do campo que iam trabalhar nas indústrias eram disciplinados nos moldes “fábricas-conventos”.

A ociosidade é uma inimiga que é combatida com o tempo sendo medido constantemente. A disciplinarização do corpo trabalha concomitantemente com o bom uso do tempo. A mecanização dos horários para todos os fins, dentro do Seminário, leva os garotos a se acostumarem e a se tornarem, de certa forma, reféns dessa mecanização. De acordo com Claudio Lúcio Mendes (2006: 168), o corpo, para Foucault, “é uma superfície moldável, transformável, remodelável por técnicas disciplinares e biopolítica”. Com tantas regras, proibições, censuras, disciplinamento, faz-se necessário o seguinte questionamento: qual o propósito desses dispositivos de poder e das tecnologias disciplinares? Talvez uma afirmação do narrador possa servir como resposta: “Buscava-se a morte de todo pecado. E o corpo era seu túmulo” (Trevisan 2001: 39).

O pecado era combatido com a disciplina e o Regulamento. O paletó, por exemplo, só não era usado nos horários de recreio; mesmo nas filas, cada uma tinha que ter uma distância de dois metros de uma para a outra, os garotos, por sua vez, a meio metro um do outro, quando em fila; de forma que os Menores iam à frente e os Maiores atrás. Para combater os olhares e as conversas nas filas era rezado o terço. As punições já eram do conhecimento dos meninos desde quando da preparação para o catecismo. Havia aqueles castigos de depois da morte e aqueles de antes da morte. É exatamente nos pecados em vida, pelo menos daqueles cometidos dentro do Seminário, que estão os pontos altos da punição dos “pecadores ou faltosos” (Trevisan 2001: 40): a expulsão.

A expulsão era temida, era “uma espécie de pecado original” (Trevisan 2001: 40). O expulso era separado de todos até que os pais viessem buscá-lo. Ele ficava incomunicável, era considerado “ex-seminarista”, e atirado ao “mundo” (Trevisan 2001: 40, grifos do autor). Foucault (1987: 15) argumenta que “o sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos”. Mendes (2006: 171) explica que a suspensão é aceita e legalizada, pois os que não respeitam o “contrato social” sofrem as punições por não cumpri-las, assim “passa-se de uma punição física sobre os corpos para um controle do corpo por meio de leis sociais, mecânicas e pedagógicas”.

Para o indivíduo que sofre a ação da punição há uma sentença bastante clara, o seminarista é expulso, no entanto a punição de quem exerce o poder de punir não é clara, pois, de acordo com Foucault citado por Mendes (2006: 171), “o corpo, a imaginação, o sofrimento, o coração a respeitar não são, na verdade, os do(s) criminoso(s) que deve(m) ser punido(s), mas os dos homens que, tendo subscrito o pacto, têm o direito de exercer contra ele(s) o poder de se unir”. Assim, Mendes (2006: 171-172, grifos do autor) explica que há a necessidade de desenvolver tecnologias sobre o corpo para atuar naqueles que punem; ao mesmo tempo ele explica que tal atuação não é responsabilidade de um “‘sujeito da ação’, ‘mas sim das relações de poder que subscrevem o ‘pacto social’””. O expulso não interessa mais. Seu corpo se tornou insubmisso, não se enquadra nos padrões, não está cumprindo seu papel dentro de um pacto social.

Havia castigo para toda qualidade de transgressão, mesmo que fossem repetitivos, mas toda desobediência levava a uma pena. O castigo da parede, que consistia em ficar em pé, podia durar uma ou duas horas, ou por vários dias, por exemplo, era para aqueles que conversassem fora de hora, saíssem da fila, reclamassem da comida, ou se atrasassem; caso houvesse violação deste castigo corria-se o risco de “ficar incomunicável por vários dias – o que significava baixíssima nota de comportamento, ou seja, sinal vermelho para uma expulsão” (Trevisan 2001: 41-42). O castigo de “ficar em retiro” (Trevisan 2001: 42, grifo do autor) era praticado na capela, onde se ficava rezando ou lendo sobre a vida dos santos, sempre em silêncio. Este castigo, como já foi dito anteriormente, muitas vezes era divertido, porque se vários estivessem cumprindo pena na capela tudo terminava em brincadeira entre os seminaristas, principalmente se os Superiores estivessem bastante ocupados.

A Nota de Comportamento também levava ao castigo. Essas notas eram lidas em voz alta. Comportamentos que faziam baixar a nota: bater a tampa da carteira na sala de estudo, tocar no colega, sair da fila, falar fora de hora. Caso a nota fosse abaixo de oito ia-se para o salão de estudo e ficava incomunicável. Caso a nota fosse três ficava incomunicável cumprindo a pena no castigo da parede. Os Prefeitos de Disciplinas eram aqueles que faziam com que o Regulamento fosse acatado à risca. Só em casos mais graves eles buscavam o conselho e a garantia do Reitor. Havia dois Prefeitos de Disciplina para os Maiores e dois para os Menores. Os Prefeitos de Disciplina tinham a mesma autoridade que um Padre Superior, e eram trocados a cada seis meses.

O Prefeito dos Menores, por exemplo, dormia no mesmo dormitório que os garotos Menores. Para sair de algum aposento os garotos precisavam pedir permissão ao Prefeito, mesmo que fosse para ir à capela rezar. Os Prefeitos tinham seus protegidos, que eram chamados de “‘peixinhos’ (prediletos)” (Trevisan 2001: 44, grifos do autor). Da mesma forma que tinham seus protegidos também tinham seus desafetos; em especial, esses eram os novatos ou “meninos de aparência demasiado delicada” (Trevisan 2001: 45). Os disciplinadores faziam parte do grupo dos Maiores, pois já estavam na instituição há mais tempo e conheciam todos os trâmites do Regulamento.

Os Prefeitos de Disciplina partem de uma evidência própria para classificar este ou aquele de “aparência delicada”, e, a partir disto, criar a separação, o estigma,

a abjeção e a implicância. Em relação a essa demarcação de identidade a partir da aparência, Louro (2010: 49) esclarece que os corpos não são uma evidência segura de uma identidade:

Os corpos, como bem sabemos, estão longe de ser uma evidência segura das identidades! Não apenas porque eles se transformam pelas inúmeras alterações que os sujeitos e as sociedades experimentam, mas também porque as intervenções que neles fazemos são, hoje, provavelmente mais amplas e radicais do que em outras épocas.

Assim, há uma perda por parte dos garotos afeminados dentro da comunidade. Eles se tornam marcados, tornam-se o outro. Louro (2010: 15) diz que o reconhecimento daquele que não possui os “mesmos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos”. Por este motivo as fronteiras são demarcadas tendo como centro o que se estabelece como normal, “e aqueles que ficam fora dela, às suas margens” (Louro 2010: 15). A assimetria está constituída. É claro que dentro do Seminário precisava haver, por parte dos Superiores, principalmente, a tolerância. No entanto, a tolerância “se liga, contudo, à condescendência, à permissão, à indulgência – atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior” (Louro 2010: 48).

A tolerância estando atrelada a qualquer discurso que reivindique o suportar, por exemplo, pode ser falaciosa, pois pode ter as características que Louro destacou acima. Além disso, como Tomaz Tadeu da Silva (2000: 98, grifo do autor) destaca, ela pode resultar em um dominante que é tolerante e um dominado que é tolerado, “ou a da identidade hegemônica mas benevolente e da identidade subalterna mas ‘respeitada’”.

Erving Goffman (2004: 104) faz uma observação muito intrigante quando diz que o estigmatizado precisa prestar atenção na “aceitação diplomática”, que é concedida pelos ditos normais, pois a mesma pode ser condicional: “Espera-se que os estigmatizados ajam cavalheirescamente e não forcem as circunstâncias; eles não devem testar os limites da aceitação que lhes é mostrada, nem fazê-la de base para exigências ainda maiores”. Sendo assim, o autor esclarece que a tolerância é como se fosse uma barganha. Esse “bom ajustamento”, como diz Goffman, entre normais e estigmatizados, exige que o último se veja como igual aos primeiros, mas, “ao mesmo tempo, se retire voluntariamente daquelas situações em que os normais considerariam difícil manter uma aceitação semelhante” (2004: 104).

Os Prefeitos de Disciplina acumulavam outra função referente aos regulamentos. Eram eles que distribuíam os afazeres, ou cargos comunitários, entre os garotos. Dentre esses serviços havia aqueles considerados mais prazerosos, que eram distribuídos para os protegidos, e aqueles menos desejáveis que eram distribuídos para os demais. Segundo o narrador, essa partilha dos cargos comunitários funcionava como “prêmio ou punição” (Trevisan 2001: 46). Dentre os melhores afazeres estavam: “encarregado da bolaria (onde se guardavam materiais esportivos), serventes de refeitório (comia-se bem e muito) e bibliotecário (que tinha acesso ao Inferninho)” (Trevisan 2001: 46). O Inferninho era um armário, dentro da biblioteca, onde eram guardados todos os livros cujas leituras eram consideradas

proibidas. Cargos indesejáveis: “limpador de lavatórios e da casa em geral, encarregado da roupa suja, acólito das missas, sacristão (chefe e auxiliar)” (Trevisan 2001: 46). Como estes cargos eram mudados semanalmente os Prefeitos tinham em mãos uma forma de manipular seus subalternos.

Desse modo o Prefeito de Disciplina, dentro de sua função hierárquica, treina e vigia os corpos dos garotos, pois cada um tem um trabalho a cumprir, a exercitar. Durante a noite, ele mantinha os cautelosos olhos sobre os alunos para se certificar que estavam dormindo, no dormitório. Eles desempenhavam um poder a partir de uma prática pedagógica, pois distribuía tarefas, ensinava como fazê-las, vigiava, julgava quem tinha o direito às melhores e às piores atividades. Portanto, o sujeito tornava-se objeto pelas coerções de poder, no caso, entre os prefeitos e os seminaristas. Aqueles alunos que não eram queridos, eram os afeminados, eram os diferentes, os desafetos e estavam sujeitos aos piores cargos, o que torna evidente as microrrelações de poder no espaço do Seminário.

A tecnologia disciplinar: a confissão

Em dias de confissão especial, faziam-se longas filas diante do confessorário, de onde, findo o expediente, o velho confessor saía bocejando de tédio, tal a repetição daquele pecado exercido solitariamente. Mas também é verdade que jamais se dizia que a punheta tinha sido em homenagem ou por lembrança do “próximo”, já que os confessores se mostravam mais benevolentes com a solidão pecaminosa do que com o vício a dois ou mais (Trevisan 2001: 74, grifo do autor).

O padre Confessor aparecia no Seminário a cada quinze dias. Os garotos conviviam no mesmo espaço e tinham a mesma idade, compartilhavam de desejos que eram comuns a todos e eram saudáveis. Explicando de forma simples a relação entre garotos e masturbação, Gregory Woods (2001: 326) expõe que a adolescência masculina é importante na literatura gay “não só porque os adolescentes são desejáveis e o são, o que não é trivial, mas também porque é um momento tão intenso que não todos, mas muitos jovens compreendem então que estão se tornando homens”⁵.

O narrador afirma que bastava uma conversa mais excitante entre os meninos que cada um já tomava um rumo: “se trancavam nas privadas e resvalavam em ladeiras de gozo ao alcance das mãos” (Trevisan 2001: 74). Muitos deles tinham formas de exteriorizar aquela felicidade íntima, como Toninho e sua hábil e ágil mão esquerda, por exemplo. Mesmo nos dormitórios, depois da inspeção do Prefeito de

⁵ No original: “no sólo porque los adolescentes son deseables-y lo son, lo cual no es cosa trivial-, sino también porque se trata de un momento tan intenso que no todos pero sí muchos jóvenes comprenden entonces que van a ser hombres”.

Disciplina, havia tanto chiados abafados como coletivos “nas camas enfileiradas e ligeiramente trêmulas de um sismo que não provinha do solo mas dos ventres” (Trevisan 2001: 75).

Woods (2001: 326, grifo do autor) lembra que o ato masturbatório é um diálogo de prazer entre o corpo e a mente, é “algo completamente absorvente, o diálogo de prazer entre o corpo e a mente, auto observador (muitas vezes, literalmente: no espelho ou em uma superfície brilhante de uma piscina), e, claro, completamente autorrealizável”⁶. Os garotos confessavam praticamente a mesma coisa ao confessor, porque lhes era dito que a masturbação era pecado. A partir do conhecimento que tinham deste pecado, no caso a masturbação, eles eram forçados a falar.

Segundo Foucault (1988: 68), a confissão ou é feita livremente ou se é obrigado a fazê-lo, pois pode ser forçada, como em uma tortura. A instância de dominação, de acordo com Foucault (1988: 71-72), por um lado é aquela que escuta, que pressiona, interroga; por outro lado, o “discurso de verdade adquire efeito, não em quem o recebe, mas sim naquele de quem é extorquido”. Assim, essa produção da verdade através da confissão é “inteiramente infiltrada pelas relações de poder” (Foucault 1988: 69).

As preleções sobre o sexo eram lembradas quase sempre nos sermões. O corpo não podia ser tocado “para não despertar a sanha do demônio” (Trevisan 2001: 76). O corpo é relegado a algo torpe, e por isso precisava ter um cuidado em preservá-lo castamente, de outra forma ele pode estar associado ao mal, às danações demoníacas, às lascividades. Os superiores exortavam as amigadas de três, pois era necessário evitar as amigadas de dois, principalmente aquelas em que os amigos eram próximos demais, porque “o amor de Deus era contrário ao egoísmo de amigadas que, por fechadas, acabavam criando ocasião para o pecado” (Trevisan 2001: 76).

Os garotos não tinham conhecimento das grandes amigadas a dois da Bíblia, e entre homens. Principalmente o Antigo Testamento, que vivia trancado no Inferninho, na biblioteca, junto com outros livros proibidos. A amizade entre David e Jônatas, por exemplo, é baseada no amor, na afeição entre ambos; Jônatas chega a enfrentar o próprio pai, Saul, para proteger o amado amigo. No Seminário havia um enaltecimento com relação à “mortificação de todos os sentidos” (Trevisan 2001: 76), por parte dos Superiores; esse hábito bateria de frente com relação à afeição entre David e Jônatas, por exemplo, o que não deixa de ser um contra senso dentro do âmbito religioso.

A confissão geralmente acontecia entre um Superior e um seminarista, olho no olho. No entanto, também havia métodos mais eficazes de subtrair sentimentos muito mais profundos das crianças. O Padre Marinho, Diretor Espiritual das pequenas ovelhas, estimulava os alunos a se comunicarem “diretamente com Jesus, através de seus diários. [...], começando assim: Querido Jesus. Enquanto representante visível de Jesus, tinha acesso natural aos diários, que o auxiliavam inclusive ‘a conhecer melhor as pequenas almas para melhor dirigi-las nos caminhos do amor’” (Trevisan 2001: 102, grifo do autor).

⁶ No original: “algo por completo absorvente, un diálogo de placer entre el cuerpo y la mente de uno mismo; autoobservador (a menudo literalmente: en el espejo o en la brillante superficie de una piscina), y desde luego totalmente autosatisfactorio”.

Anne Vincent-Buffault (1996: 47) ressalta que “no texto do diário se mede a temperatura das relações amicais de maneira unilateral e subjetiva”, ou seja, todos os momentos, pensamentos e sentimentos são escritos de forma mais plena, quando o indivíduo está relatando algo de si para si, como no diário. É totalmente diferente da situação de ter um superior olhando e julgando. Todavia, não deixa de ser um ato desleal ler o diário alheio, mesmo com intenções tão ‘encantadoras’ como a do Padre Marinho.

Tiquinho, por exemplo, era um dos garotos que possuía e escrevia bastante no diário. Foi através da escrita na sua agenda que ele percebeu sua paixão por Abel Rebel. Ele costumava dar detalhes calientes dos sentimentos de sua paixão. Entretanto, como sabia que o Padre Marinho, Diretor Espiritual, lia os escritos de todos os seminaristas, Tiquinho passou a esquivar-se do Padre junto com seu diário. Neste havia relatos das “alegrias, inquietações e pensamentos sobre Abel” (Trevisan 2001: 143-144). Ele relatava encontros, ansiedades, sonhos e intenções; “havia sim um pequeno medo de pecar por excesso” (Trevisan 2001: 144). Assim era o diário de Tiquinho, e talvez de muitos outros.

Mendes (2006: 174) argumenta que a confissão teve sua origem em “dispositivos religiosos”, mas, com o tempo, foi se transformando, tendo outras conotações e empregos “para mecanismos de governo de Estado, dos outros e de si”. A confissão é entendida como uma exposição verbal do “estado de consciência”, de forma que, em um dado local e momento, o indivíduo “expressaria sua consciência, em uma situação específica”. No caso das crianças do Seminário seria no confessionário, diante de um confessor, ou através do diário, para ser lido posteriormente por um Superior. A confissão era primordial para se saber o grau de envolvimento dos garotos, principalmente com relação à sexualidade deles. Dreyfuss e Rabinow (2010: 229) justificam que, para Foucault, a confissão sobre a sexualidade era um componente importante para expandir as técnicas de disciplina “e controle dos corpos, das populações e da própria sociedade”.

Por um lado, a escrita no diário tanto pode ser uma autoconfissão, pois os garotos escrevem sobre seus atos, tendo conhecimento sobre si, cotidianamente; por outro lado, também pode ser um exame de consciência, pois, uma vez que eles têm ciência de certos parâmetros morais cristãos, poderiam ter a compreensão de ter ou não comportamentos coesos com aquela moral, em uma comparação com os próprios sentimentos. Com o criativo incentivo de explicar às crianças que elas estariam falando “diretamente com Jesus”, o Diretor Espiritual estava estimulando a autoconfissão, ou exame de consciência, pois o indivíduo, através da escrita no diário, por exemplo, começa a ter conhecimento sobre si mesmo.

Sobre a confissão e o exame de consciência Mendes (2006: 175) afirma que elas

[são] técnicas que estimulam os sujeitos a praticar uma estética de si, procurando alcançar o melhor que podem fazer de suas vidas em vários campos: no trabalho, em sua aparência, em suas relações familiares e com amigos, estando tudo isso imbricado com valores morais que remetem a uma vasta gama de sentimentos, relativos a outros, mas em especial, a nós mesmos. Mais do que uma projeção nossa em nós mesmos.

A princípio, os seminaristas contavam sobre muito de seus sentimentos ao Padre Marinho, o Diretor Espiritual, pois além de se sentirem mais confortáveis com ele, por ser mais compreensivo, eles sabiam que deveriam confessar sempre, era algo normal para eles na vida de seminaristas; principalmente, se os garotos achassem que nada tinham de muito comprometedor a dizer. Tiquinho contava muitas das sensações que sentia ao Padre, uma vez que a afeição por outro menino era algo muito novo para ele. O Padre falava da beleza das grandes amizades, talvez para driblar o garoto ou a si mesmo.

Porém, com o passar do tempo, o Padre não continuou tão afável com Tiquinho, como no princípio. Padre Marinho tornou-se ríspido e assustado com a veneração de Tiquinho pelo amigo e “admoestou-o severamente contra o perigo das ligações terrenas, pois o amor com A maiúsculo se realizava na entrega inesgotável a Deus” (Trevisan 2001: 156). Foi quando o garoto realmente se assustou.

Para Francisco Ortega (1999: 164), a amizade não é virtuosa para o cristianismo se não for “a serviço do amor de Deus e da credibilidade”, ou Caritas. Assim, a relação de amizade, de amor, que Tiquinho confessava que tinha por Abel era uma amizade perigosa, danosa, e, pelo entendimento do Padre, baseada em valores terrenos. A reação do Padre fez com que o garoto o evitasse. Em compensação, Tiquinho vai procurar o silêncio da capela. Um silêncio que levava a uma reflexão mais profunda de si, no qual o Padre não estaria deixando de tornar ainda mais eficiente seu modo de lidar com os assuntos dos jovens. Desta forma, Mendes (2006: 174) lembra que, para Foucault, “o silêncio deveria levar a um autoconhecimento, fazendo com que os pecados da carne tivessem menos chance de ocorrer”.

Considerações finais

Como procuramos demonstrar na análise do romance de João Silvério Trevisan, as duas tecnologias, a disciplinar e a da confissão, são similares. Enquanto uma produz “corpos mudos e dóceis”, a outra incita a fala. Dreyfuss e Rabinow (2010: 230) ainda argumentam que, para Foucault, o poder é uma “interação de técnicas disciplinares e tecnologias do eu menos óbvias”. O grande achado é que o indivíduo realmente crê que com a ajuda de um perito se possa falar a verdade sobre si mesmo. Os autores ainda explicam que “essa convicção de que a confissão revela a verdade” recai mais fortemente na discussão da sexualidade, pois há a crença de que uma interpretação aprofundada sobre o corpo e os desejos é uma forma de se ter a verdade sobre um determinado indivíduo e também sobre todos os seres humanos.

Portanto, sendo a confissão um ritual de discurso, existe aquele que confessa e aquele que ouve a confissão, este, por sua vez, “julga, pune, perdoa”, criando uma relação de poder. O ato de exposição de si mesmo, através da confissão pode produzir no confessor a sensação de purificação e de salvação. Dreyfuss e Rabinow (2010: 231) também lembram que as técnicas de confissão empregadas desde a Idade média, pela religião cristã, continuaram ainda durante a Reforma até hoje, porém, “mais refinadas e de alcance cada vez maior”, de modo que os dispositivos de poder e as tecnologias disciplinares perpassam o cotidiano, em distintos espaços de

sociabilidade, tentando, de variadas formas, disciplinarizar os desejos, as subjetividades e os corpos daqueles que não se encaixam nos moldes preestabelecidos pela sociedade.

POWER DEVICES AND DISCIPLINARY TECHNOLOGIES IN THE NOVEL *EM NOME DO DESEJO*, BY JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Abstract: The purpose of this paper is analyze the systems of power and disciplinary technologies in novel *Em nome do desejo* by John Silverio Trevisan. Our analyzes seek to highlight the repressive hypothesis of sexuality and the disciplining of bodies and desires of young boys in the space of the seminar in order to ensure the maintenance of a hegemonic masculinity, throwing out those individuals who do not fit the heteronormative standards.

Keywords: discipline; regiment; confession; masculinities.

REFERÊNCIAS

DREYFUSS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.7-34.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p.167-181, 2006.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinador e do biopoder. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* (online), n. 63, p.179-201, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

TREVISAN, João Silvério. *Em nome do desejo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

WOODS, Gregory. *Historia de la literatura gay*. Madrid. España; Ediciones Akal, S.A, 2001.

ARTIGO RECEBIDO EM 26/05/2015 E APROVADO EM 18/11/2015